

A SIGNIFICAÇÃO DO CENTENÁRIO

*Júlio Amorim de Carvalho**

Foi com alguma surpresa e mesmo com certa inquietação que me apercebi, em dado momento, que o meu nome tinha sido incluído no programa das comemorações do 1º Centenário do nascimento de Amorim de Carvalho, para eu apresentar uma comunicação neste colóquio, e — circunstância agravante — para finalizá-lo.

Essa inquietação provinha de duas razões:

— 1ª. É que, não sendo eu orador, considerei que iria flagelar o auditório com um discurso incolor, insípido e talvez até desordenado.

— 2ª razão. Porque o tema que se me pedia para tratar, era o seguinte: *A significação do centenário* e, mais particularmente, a deste colóquio. Ora, não era eu, certamente, que poderia explicar as suas significações com melhores fundamentos do que os escritores e universitários que aceitaram apresentar comunicações neste evento. Nem eu explicaria melhor a significação do colóquio do que aqueles que — pela presença efectiva, quiseram assistir às conferências e aos debates aqui realizados. ¿Pois não são, afinal, os que pela sua simples presença ou pela sua colaboração intelectual, já estão dando a verdadeira significação a este colóquio?

Vistas assim as coisas, eu desejaria fazer, de imediato, alguns breves comentários relativos à organização do colóquio e da comemoração do Centenário do nascimento do meu Pai. Tecerei depois umas mais desenvolvidas, embora sintéticas considerações sobre certos aspectos da obra de Amorim de Carvalho.

Quero desde já, portanto, agradecer à Exma. Câmara Municipal do Porto e ao seu Presidente, o sr. dr. Rui Rio, o facto de a Autarquia ter largamente promovido e claramente oficializado a comemoração do 1.º Centenário do nascimento de Amorim de Carvalho — e nesta oficialização estará já uma evidente significação atribuída ao colóquio aqui realizado.

Nessa perspectiva, não quero deixar de lembrar o sr. vereador da cultura dr. António de Sousa Lemos ; nem o sr. dr. José Afonso Ferreira que, como assessor na vereação da cultura, logo determinou sem a menor exitação — e isso há mais de um ano — que se procedesse (com a chancela da Autarquia) à comemoração centenária agora efectivada ; a essa decisão se associou intelectualmente o sr. dr. Raúl Matos Fernandes (Director municipal de cultura)

que apoiou com eficácia e com a maior altura de vistas a organização dos eventos ligados à memória de Amorim de Carvalho.

Também agradeço à sr.^a dr.^a D. Isabel Santos, Directora da Biblioteca Pública Municipal do Porto e ao sr. dr. Jorge Costa, responsável pela Divisão das exposições desta Biblioteca, — também agradeço a maneira liberal e compreensiva com que disponibilizaram os locais da Instituição para homenagear o escritor portuense.

(Aqui, um parêntesis: devo dizer que fiquei lisongeadado por o sr. dr. Jorge Costa ter valorizado a boa organização da Casa Amorim de Carvalho — que visitou —, e a abundância e a qualidade do material nela conservado, de cujos Arquivo, Biblioteca e colecções de objectos e quadros se extraíram alguns documentos, livros e peças diversas que constituem a Exposição presentemente aberta ao público na Biblioteca Municipal do Porto — aberta em condições excelentes graças ao magnífico trabalho do sr. dr. Jorge Costa e dos seus colaboradores. Está fechado o parêntesis).

Não posso, evidentemente, deixar de citar o dr. João Borges, requintado artista, e editor de grande mérito, que, com sua já vasta experiência profissional, e como Comissário das comemorações, concebeu, dirigiu, e realizou concretamente — isto é, deu vida aos diversos eventos previstos, em colaboração com as instituições públicas e privadas.

A minha ausência do Porto, por razões profissionais incontornáveis, em momento decisivo, foi compensada pela acção da minha filha Maria Ester, que garantiu a boa execução dos múltiplos preparativos para esta comemoração e contribuiu para melhorar a divulgação do acontecimento.

Por fim, quero agradecer a colaboração dos escritores que participaram, neste colóquio, com seus trabalhos sobre tal ou tal faceta da obra de Amorim de Carvalho. Deles, creio que só o Pinharanda Gomes conheceu pessoalmente o meu Pai — e o Pinharanda Gomes vi-o eu, pela primeira vez (era eu menino e môço), no escritório do apartamento do bairro de Campo de Ourique, em Lisboa, onde residia Amorim de Carvalho.

Um último nome quero ainda aqui citar: o do Doutor José Domínguez Caparrós (autor de obras sobre teoria literária e versificação espanhola, Professor catedrático de teoria da literatura na Universidade de Madrid, co-director da revista *Rhythmica*, revista de métrica comparada) que, não estando presente neste colóquio, teve a amabilidade de enviar da Espanha uma excelente síntese sobre a teoria da versificação de Amorim de Carvalho — estudo esse que aqui foi lido em língua castelhana.

Mas nós sabemos que não são as comemorações oficiais ou particulares, nem as promoções realizadas pelas alavancas da propaganda ou pelo elogio mútuo ou pelo reflexo gregário das escolas ou dos grupos (dominantes ou não dominantes) — nós sabemos que não é nada disso que dá a significação a uma

obra. E, simètricamente, também não é a ausência daquelas promoções e elogios, que retira o real valor que uma obra ou que uma personalidade literária possam ter.

Que estas comemorações centenárias (que se iniciaram, de facto, no mês de abril, em Matosinhos) tenham sido efectivadas por pessoas e instituições independentes, isto é, afastadas de qualquer compromisso ou ligação de carácter escolástico, de grupelho, de capela literária, filosófica ou política com Amorim de Carvalho — é já isso uma constatação que contribuirá para dar também uma muito valorizante significação a este colóquio.

A real valorização (ou desvalorização) de uma obra ou de um nome, resulta afinal, da selecção crítica, pela crítica da crítica, pela crítica da crítica da crítica — implícita ou explícita — no longo tempo histórico, — colocando a obra e o homem que a realizou, no seu contexto èpocal, mas dando-lhes (ou não) a significação humana que essa obra e esse homem possam merecer (ou desmerecer).

É esta também a significação que terão este colóquio e as comemorações realizadas no ano do 1.º Centenário do nascimento do poeta e filósofo Amorim de Carvalho: quero eu dizer — são estas comemorações mais uma pedra branca no caminho, a assinalar uma obra e um homem, isto é: um facto ou conjunto de factos com sua significação èpocal e transèpocal; pois, como disse algures Amorim de Carvalho, todos nós passamos, mas os factos ficam. E ficam para uma análise nova, para uma revisão (presente ou futura) — porventura já sem as inibições e as limitações das gerações passadas. Porque, sem revisionismo (ou sem espírito aberto ao revisionismo), não há sabedoria, não há ciência que valha nem conhecimento humano digno deste nome — seja na filosofia, na astronomia ou na estética, seja na física ou na história.

Uma das características da obra de Amorim de Carvalho é a sua diversidade. E essa diversidade foi a resposta imposta ao poeta, ao esteta e ao pensador pelo que ele considerou ser uma época — a sua época — uma época de perda dos valores humanos mais significativos. Nesse sentido terá sido Amorim de Carvalho o mais vigoroso e mais completo opositor à situação mental da sua geração — geração que não fôra capaz de proceder à avaliação (na estética, na filosofia, no pensamento político-social), nem de elaborar a crítica, que teria de conter, de coarctar o que fosse ilegítimamente (ilegítimamente porque inferior, porque de menor significação humana), — geração (dizia eu) que não fôra capaz de fazer a avaliação e a crítica que teriam de conter o que fosse ilegítimamente promovido ou proposto à adesão do público.

Nessa missão de rectificação e contenção, viu-se Amorim de Carvalho impellido a estender, pois, sua reflexão pelos múltiplos sectores do conhecimento. Mas era isso, já, um *parti pris* de filósofo. E afirmava ele, lá

pelos meados do século passado: «O que eu exijo hoje é, na essência, o mesmo que exiji ontem: o reconhecimento [...] de um sentido de transpocalidade e de transnacionalidade de certos valores estéticos e filosóficos [...], na base de um esclarecimento crítico objectivo».

Muitas das facetas da sua obra mereceram a atenção dos intervenientes neste colóquio: desde a obra de criação poética à teoria da política, desde a teoria da estética à filosofia. Dentro destes domínios do conhecimento, algumas das teses do pensador foram estudadas nas comunicações apresentadas. Certos aspectos, no entanto, da obra de Amorim de Carvalho ficaram por evocar — e não poderia ser de outra forma, a não ser que se prolongassem, maçadoramente, as sessões deste colóquio. Queria eu, agora, lembrar, rapidamente, alguns desses aspectos, muito gerais, da obra de Amorim de Carvalho.

Um deles — e que aponta para uma das suas mais vincadas características psicológicas — é o Amorim de Carvalho-polemista. A polémica, nele, vem dos primórdios da sua actividade literária — desde os começos dos anos trinta do século passado, na revista portuense *Aquila*. Esta primeira polémica teve, aliás, enormíssima importância, porque foi essa polémica que levou Amorim de Carvalho a sistematizar os seus estudos de versificação, formulando ele as leis do ritmo verbal, dando assim à versificação o estatuto de ciência numa obra única nos países latinos e muito provavelmente também para além deles, — numa obra vastíssima já pronta em 1934.

Essa resposta polémica à ausência de espírito crítico objectivo — essa resposta polémica prolongou-se por largo período da sua vida, até aos anos cinquenta, nas mais prestigiosas revistas portuguesas da época: *Seara Nova*, *Sol Nascente*, *Pensamento*, *Prometeu*; e em jornais: *O Diabo*, o *Diário de Lisboa*; e mesmo num opúsculo intitulado precisamente *Contra a mentira da «crítica» em Portugal*, que é, hoje, uma raridade bibliográfica.

É certo que a postura polémica de Amorim de Carvalho contribuiu para aumentar a animosidade que se formara contra ele, *inclusive* silenciando-o, mas o polemista não exitou em pôr em relêvo o interesse e a necessidade dessa atitude polémica, dando até um título sugestivo a um dos seus ensaios publicado nos finais dos anos trinta, na revista *Pensamento*, do Porto. O título do ensaio é precisamente este: *O valor da polémica e o perigo da abstenção*.

Mas está bem certo que, para Amorim de Carvalho, a polémica tinha uma conotação muito elevada e nobre, na medida em que (embora rebatendo, vigorosamente, com aspecto combativo e de modo contundente, opiniões imperdoavelmente falsas por flagrante incompetência ou má fé), — deveria o autor do escrito polémico estar permanentemente atento à precisão dos conceitos, da terminologia utilizada, atento ainda à séria fundamentação do processo argumentativo.

Os seus estudos de carácter polémico são pouco conhecidos; pude eu, com eles, organizar um grosso volume (enriquecido com desenvolvidas anotações explicativas da minha autoria), — volume que, subordinado ao título *Subsídios para o estudo da crítica em Portugal. (Século XX)*, constitui o 20º tomo das *Obras reunidas de Amorim de Carvalho*.

Precisamente, outro aspecto da obra de Amorim de Carvalho (e no qual se enquadra a perspectiva polémica atrás evocada), é o aspecto crítico.

Amorim de Carvalho é certamente o maior arcabouço crítico do país no século XX. Georges Le Gentil (como escreveu um escritor português que conheceu pessoalmente, em França, este ilustre lusitanista, e que relata a entrevista que com ele teve, em Paris), — Georges Le Gentil designará Amorim de Carvalho como «o crítico português do futuro».

É um crítico impregnado de espírito pedagógico, pelo vagar posto na análise das ideias, no desenvolvimento dos raciocínios, pela preocupação em fundamentar — já o demos a entender — científica e filosoficamente as asserções críticas, para sínteses e conclusões posteriores.

Esta postura crítica do escritor portuense, — pode dizer-se que foi uma constante também, na sua obra: pois vai dos primeiros ensaios e livros dos anos trinta e quarenta, na estética, até ao domínio propriamente filosófico.

Claro que — como eu disse já — nesta personalidade crítica deveremos incluir aquela característica polémica atrás evocada, — porque uma e outra tiveram em Amorim de Carvalho as mesmas razões de ser, a mesma génese, os mesmos fundamentos, a mesma preocupação de objectividade: — utilizando o escritor métodos de objectividade crítica que eram novos na literatura e no pensamento de expressão portuguesa.

O que é preciso compreender é que Amorim de Carvalho, nos seus estudos de carácter crítico, vai expondo o seu pensamento sistematizado, como que em contra-ponto, como em oposição, em contraste com as opiniões dos outros.

E no *Positivismo metafísico* escreveu Amorim de Carvalho as frases definitivas que passo a citar: «[...] toda a crítica — que não pretenda ficar-se no mero impressionismo sujeito à instabilidade e [às] contradições dos momentos emocionais — há-de assentar numa sistematização filosófica de pensamento. Mesmo uma crítica da literatura. [i] Quanto mais uma crítica da filosofia !» E, um pouco mais longe, interroga o pensador: «[ç] Estou a apresentar a crítica como uma filosofia ?» E logo responde: «No fundo, e nos planos superiores das ambições, é isso mesmo».

Esta citação, muito significativa, servir-me-á de transição para a 3.^a perspectiva que gostaria de tratar, relativamente à obra de Amorim de Carvalho.

Queria, efectivamente, pôr em evidência outra característica que é, pode dizer-se, um factor invariável no conjunto da obra de Amorim de Carvalho. Refiro-me à sua dimensão filosófica. Factor invariável, porque Amorim de Carvalho teve a preocupação de fundamentar, científica e filosoficamente, tanto os seus estudos críticos como os relativos à teoria da estética pura; e porque também a visão filosófica impregnou intensamente a sua poesia.

Essa dimensão filosófica veio dar aos seus estudos sobre estética, e à sua poesia, uma nítida originalidade no contexto da literatura de expressão portuguesa.

E, consciente desta originalidade, — Amorim de Carvalho não exita em atribuir uma significação ainda mais larga aos seus trabalhos de crítica e sobre estética; pois (diz ele) [evocando uma particularidade da história literária e até da arte em geral], pois (diz ele) «talvez *em nenhum país* [sublinhamos: *em nenhum país*] [...] o modernismo» tenha sido submetido — directa ou indirectamente — a uma avaliação estética «com enquadramento filosófico, como aquela que eu [diz Amorim de Carvalho] sustentei em Portugal».

Vem a propósito citar aqui o que (em correspondência que há pouco me endereçava da Espanha) — vem a propósito referir o que o Professor José Domínguez Caparrós escrevia com inegável agudeza crítica, a respeito da obra de Amorim de Carvalho: «El que detrás del tratadista de métrica haya un filósofo y un teórico de la estética como fue» Amorim de Carvalho, «es una garantía de la solidez de sus teorías sobre el verso», — salientando, assim, de facto, o Professor Domínguez Caparrós, que: — o pensamento filosófico de Amorim de Carvalho vai garantir, vai fornecer fundamentos sérios e válidos à sua estética.

No domínio da teoria da estética e do pensamento pròpriamente filosófico, é de realçar a atenção dada à terminologia, à definição dos conceitos — criando até o filósofo uma terminologia própria que se impunha pela necessidade de identificar claramente conceitos originais.

Um dos livros de referência, neste sentido, é *Deus e o Homem na poesia e na filosofia*, publicado em 1958 — livro de uma flagrante actualidade (de permanente actualidade), primeiramente pela atenta distinção que nele, logo de comêço, faz Amorim de Carvalho entre o conceito de filosofia e o de poesia filosófica; e, em seguida, pela séria avaliação, que também faz, da precária objectividade crítica (literária e filosófica) verificada em Portugal.

Além de teses fundamentais para a história da literatura portuguesa, como, por exemplo, a tese já precedentemente sustentada e retomada no capítulo sobre «O platonismo e a simbologia católica no saudosismo metafísico de Pascoais» (tese que foi aceite por Hernâni Cidade, sem citar Amorim de Carvalho, no *Portugal histórico-cultural*) — além dessas teses, encontramos em *Deus e o Homem* as primeiras ideias do filósofo que (com o conceito de «absolutidade de objectividade do sou») apontam para a teoria fulcral do que ele chamou o «conhecimento sem objecto» e a irreductibilidade do *eu* — o que coloca este

livro em posição de destaque na própria gênese de alguns dos aspectos fundamentais do pensamento de Amorim de Carvalho que se afirmarão e muito se diversificarão no *Positivismo metafísico* e no volume intitulado *De la connaissance en général à la connaissance esthétique*.

Não é, evidentemente, aqui, o lugar apropriado para desenvolver o tema vastíssimo da construção da teoria estética e do sistema filosófico de Amorim de Carvalho com seus conceitos originais num esforço de interpretação sistematizada da realidade.

Amorim de Carvalho, na construção do seu pensamento utilizou uma terminologia muito própria e muito precisa, de que poderíamos dar múltiplos exemplos que iriam, desde a formulação das leis do ritmo verbal e das teorias da simbolização ou da conceptualização estética, até (já no domínio filosófico propriamente dito), até à teoria das emoções, à teoria da perspectiva e aos conceitos de «valor real» e de «qualificação» no processo ontológico, etc., etc.

Para o historiador da literatura Jean Cassou, que bem discerniu esta especificidade no pensamento sistemático de Amorim de Carvalho, essa terminologia (traduzo do francês), — essa terminologia própria e original «não é senão um testemunho da simplicidade com que o espírito do filósofo descobre as suas verdades, e vai denominá-las, e vai combiná-las com outras constatações também elementares. Mas ele [o filósofo] sabe aonde quer chegar, ou melhor, ele sabe que não existe outro meio além do seu, para atingir o fim em vista».

Mais tarde, Domínguez Caparrós iria também referir-se (embora para outra faceta da obra de Amorim de Carvalho) a essa especificidade terminológica do esteta e filósofo português.

Com estas considerações e citações quiz apenas fazer sobressair a extrema preocupação (que foi a de Amorim de Carvalho), em clarificar ideias, em alicerçar sólidamente a argumentação; e isso — insisto — no conjunto não só da obra de reflexão filosófica mas também nos estudos críticos e de teoria da estética.

Para concluir, faltará evocar a sua vasta obra poética: será ela, fundamentalmente, a de uma poesia impregnada também de pensamento filosófico, onde o poeta-filósofo, em seus grandes poemas, trabalha longamente os temas — temas filosóficos — por ele eleitos. À volta do tema constante do Amor,

Porque o maior poeta do amor que em Portugal nasceu,
..... — fui eu !

diz Amorim de Carvalho ao findar o extenso poema *A comédia da morte*, — à volta do tema do Amor, insere ele os temas (transèpocais ou èpocais mas transèpocalizados pelo seu génio poético), insere ele (dizia eu) na sua poesia, com inegável sensibilidade poética, os temas de Deus, do solipsismo, do Tempo e da Morte, do sentido da existência, da sobreexistência ou aniquilamento do *eu*,

da teoria da evolução — da «interrogação escatológica» — ; da teoria da curvatura einsteiniana do espaço apontando para a problemática da infinitude ou afinitude do espaço, do problema do eterno retorno, da teoria de Laplace sobre a formação do universo, da desintegração da matéria, etc.; — até à reinterpretação leiga do Santo de Assis e até à problemática social do trabalho, da liberdade, da miséria, do drama conflictual das civilizações e do sentido histórico da Pátria: porque a poesia de Amorim de Carvalho é (na tradição da Escola de Coimbra que ele continuou com o outro grande poeta que é Pascoaes), — a poesia de Amorim de Carvalho é, efectivamente, como disse, uma poesia de pensamento.

Ao fechar esta minha tentativa de pôr em evidência algumas características muito gerais da obra de Amorim de Carvalho, — (num país e numa época em que as referências aos autores, em manuais, dicionários e enciclopédias, são frequentemente feitas sem o cuidado em dar com objectividade, equilibradamente, as linhas mestras dos seus pensamentos) — ao fechar estes meus breves comentários (dizia), é imperioso lembrar a magnífica síntese do pensamento de Amorim de Carvalho que o Professor Doutor Paulo Alexandre Esteves Borges escreveu para a enciclopédia *Biblos*: é o melhor que, neste género, se publicou até hoje sobre Amorim de Carvalho. O Professor Esteves Borges, com uma compreensão perfeita do sentido da obra de Amorim de Carvalho, considera que «a sua obra literária reflecte, num crescente apuro estético, a constante preocupação ideativa do pensador»; e, com intuição crítica, aponta ele claramente para as relações estreitas que tenho vindo a assinalar entre o pensamento filosófico pròpriamente dito de Amorim de Carvalho e sua obra poética e estética.

Vou terminar.

À maneira de conclusão, poder-se-á dizer que — a interpretação da obra de Amorim de Carvalho na sua mais larga dimensão, isto é: a «arquitectónica didáctica» que porventura se fizer do seu pensamento (como já tive oportunidade de escrever num trabalho anterior recentemente publicado), — a «arquitectónica didáctica» — repito — do seu pensamento, deverá considerar que esse pensamento se manifesta já na poesia, se explicita e se sistematiza na sua estética e nos estudos de crítica literária, prolongando-se e afirmando-se nos trabalhos de reflexão filosófica pròpriamente dita — cuja originalidade e riqueza devem ser consideradas numa avaliação objectiva do conjunto da vasta obra de Amorim de Carvalho.

E nesta perspectiva adquiriram também este colóquio e, mais geralmente, a comemoração do 1.º Centenário do nascimento de Amorim de Carvalho, — adquiriram, ambos, muito especial significação, pois trouxeram a primeiro plano uma das mais marcantes características da obra de Amorim de Carvalho: sua diversidade, na unidade de um pensamento.

Tenho dito.